

---

# terra roxa

## e outras terras

---

Revista de Estudos Literários

---

### LITERATURA PARA AS INFÂNCIAS: UMA AFRO-PERSPECTIVA DAS EXPERIÊNCIAS DE LEITURA

Samara da Rosa Costa<sup>1</sup> (UFPR)  
e Lucimar Rosa Dias<sup>2</sup> (UFPR)

Recebido em 15 de março de 2025; aprovado em 29 de agosto de 2025.

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma análise da construção do conceito de “Literatura para as infâncias”, o qual foi desenvolvido no contexto de uma pesquisa de mestrado de 2024 intitulada “Profe, deixa eu falar?”: o que dizem crianças negras e não negras do 1º ano do ensino fundamental sobre histórias, ilustrações e autores/as de livros de literatura para as infâncias com temáticas afro-brasileiras e africanas”. A escolha das pesquisadoras pela não utilização do termo “literatura infantil” justifica-se pela necessidade de reconhecer a trajetória histórica da literatura destinada ao público infantil e de compreender a infância sob a perspectiva africana e afro-brasileira. A proposta do conceito de “Literatura para as infâncias” busca elucidar a crescente adoção desse termo em diversos eventos literários e pesquisadores/as, enfatizando a importância das experiências vivenciadas e das dinâmicas relacionais entre adultos e livros voltados para o universo infantil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura para as infâncias; Literatura Infantil; Experiências; Afro-perspectivas.

### LITERATURA PARA LAS INFANCIAS: UNA AFRO-PERSPECTIVA DE LAS EXPERIENCIAS DE LECTURA

**RESUMEN:** Este artículo presenta un análisis de la construcción del concepto de “Literatura para las infancias”, desarrollado en el contexto de una investigación de maestría de 2024 titulada “Profe, ¿me dejas hablar?”: lo que dicen niños negros y no negros de primer año de la enseñanza fundamental sobre historias, ilustraciones y autores/as de libros de literatura para las infancias con temáticas afro-brasileñas y africanas”. La elección de las investigadoras de no utilizar el término “literatura infantil” se justifica por la necesidad de reconocer la trayectoria histórica de la literatura destinada al público infantil y de comprender la infancia desde la perspectiva africana y afrobrasileña. La propuesta del concepto de “Literatura para las infancias” busca dilucidar la creciente adopción de este término en diversos eventos literarios e investigadores/as, enfatizando la importancia de las experiencias vividas y de las dinámicas relacionales entre adultos y libros dirigidos al universo infantil.

**PALABRAS CLAVE:** Literatura para las infancias; Literatura infantil; Experiencias; Afro-perspectivas.

1 [professorasamara.costa@gmail.com](mailto:professorasamara.costa@gmail.com) - <https://orcid.org/0000-0002-4914-115X>

2 [lucimardias@ufpr.br](mailto:lucimardias@ufpr.br) - <https://orcid.org/0000-0003-1334-5692>



## LITERATURE FOR CHILDREN: AN AFRO-PERSPECTIVE ON READING EXPERIENCES

**ABSTRACT:** This article presents an analysis of the construction of the concept of “Literature for the Infancies,” which was developed in the context of a 2024 master’s research titled “Teacher, may I speak?”: What do Black and non-Black first-grade children think about stories, illustrations, and authors of children’s books with Afro-Brazilian and African themes?”. The researchers’ choice not to use the term “children’s literature” is justified by the need to acknowledge the historical trajectory of literature aimed at children and to understand childhood from an African and Afro-Brazilian perspective. The proposed concept of “Literature for the Infancies” seeks to clarify the growing adoption of this term in various literary events and by researchers, emphasizing the importance of lived experiences and the relational dynamics between adults and books directed toward the children’s universe.

**KEYWORDS:** Literature for children; Children’s Literature; Experiences; Afro-perspectives.

### LITERATURA E INFÂNCIA: UMA INTERAÇÃO ENTRE VIVÊNCIAS

O conceito *Literatura para as Infâncias* emerge como um campo de estudo fundamental que se nutre de diversas experiências de mediadores/as de leitura, contadores/as de histórias e educadores/as comprometidos/as com o desenvolvimento integral das crianças. Este artigo propõe-se a explorar o conceito de *literatura para as infâncias*, fundamentado nas vivências e práticas de uma das pesquisadoras que, ao longo de sua trajetória, se dedicou a mediar experiências literárias e a fomentar o gosto pela leitura entre as infâncias. A pesquisa parte do princípio de que a literatura não é apenas um conjunto de textos, mas um território de experiência, diálogo e construção de significados. Sendo assim, o conceito aqui apresentado resulta de um vasto caminho trilhado por quem convive intensamente com a literatura e com as infâncias, reconhecendo a importância dessas interações na formação de leitores críticos e criativos.

Ao referirmo-nos às nossas experiências como formas de conhecimento, estabelecemos um diálogo com o conceito proposto por Patrícia Hill Collins (2019), que aborda a noção de experiência a partir de uma perspectiva interseccional. Collins considera que as identidades sociais, como raça, classe e gênero, desempenham um papel fundamental na moldagem das experiências individuais. Ela argumenta que as vivências das pessoas são influenciadas não por um único fator isolado, mas por uma intersecção complexa dessas identidades. Assim, as experiências de mulheres negras, por exemplo, se diferem das experiências de mulheres brancas em virtude das múltiplas formas de opressão e privilégio que enfrentam. Portanto, é imprescindível levar em conta essas intersecções ao analisar as experiências humanas e ao desenvolver teorias sociais que sejam mais inclusivas e abrangentes. Collins (2019: 54) ressalta que “se não dermos atenção a essas fontes não tradicionais, grande parte da tradição intelectual das mulheres negras corre o risco de permanecer ‘desconhecida’ e, portanto, desacreditada”.

Com base em experiências pessoais e profissionais, foi possível realizar leituras de um mesmo livro voltado para crianças em berçário e para adultos, evidenciando o envolvimento de ambos os grupos, apesar da diferença de idade. Durante diversas atividades de leitura e contação de histórias, recebemos relatos dos responsáveis que acompanhavam as narrativas, expressando sentimentos como: “*nossa, essa história me fez lembrar de coisas que eu fazia quando criança*” ou “*eu me sinto uma criança quando escuto histórias; lembro-me e me emociono com as palavras e ilustrações*”. Em determinadas situações, especialmente com adultos negros que não tiveram acesso a livros ou histórias que apresentassem protagonistas negros de forma positiva, observou-se uma forte carga emocional durante as narrações. Um depoimento marcante foi o de uma avó que acompanhava seu neto na apresentação de uma história sobre princesas negras. Ao final da contação, ela expressou, emocionada: “*voltei para minha infância, me senti a princesa que demorei mais de 50 anos para conhecer; hoje estou feliz*”.

Nesse contexto, a pesquisadora Samara da Rosa Costa (2024: 34) afirma que “Diante de situações como essas, passamos a considerar que os livros classificados como literatura infantil podem proporcionar experiências positivas quando acessados por leitores e leitoras adultos, mesmo levando em conta a diferença de idade cronológica”. Para discutir a ideia de experiência, recorremos a Jorge Larrosa Bondía (2002: 22), que afirma que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Nossa intenção não é esgotar um tema tão amplo quanto a literatura infantil, mas sim ampliar e conceituar a *literatura para as infâncias* a partir de uma perspectiva que considera a infância como uma experiência.

Nos próximos passos desta discussão, propomos uma análise sobre como as experiências e os conceitos afro-brasileiros se entrelaçam e contribuem para a construção do conceito de *literatura para as infâncias*, especialmente sob uma perspectiva racial. Para isso, será fundamental explorar as narrativas que permeiam a cultura afro-brasileira, evidenciando sua relevância e importância na formação da identidade e subjetividade das crianças. Além disso, pretendemos evidenciar como essas experiências podem oferecer novas abordagens e compreensões acerca da literatura infantil, desafiando narrativas hegemônicas e promovendo uma inclusão efetiva das vozes e histórias afro-brasileiras destinadas às infâncias.

## **RAÍZES DA INFÂNCIA: TECENDO NARRATIVAS ACERCA DA MATRIZ AFRICANA NA LITERATURA**

A intersecção entre infância e identidade racial no contexto iorubá revela-se como um campo fértil para a compreensão das raízes culturais que moldam as experiências das crianças afro-brasileiras.

Para estabelecer um diálogo nessa perspectiva, recorremos à pesquisa de Lucilene Rezende Alcanforl e Jorge Garcia Basso (2019), que explora a relação entre infância, identidade étnica e conhecimentos de matriz africana no contexto escolar, com ênfase na mitologia iorubá. Essa investigação aborda a infância como uma experiência

significativa, posto que os pesquisadores fundamentam suas reflexões em contos e na produção literária, na perspectiva do escritor Reginaldo Prandi, qual aborda a mitologia Iorubá e a cosmovisão associada a ela:

pela análise deste conjunto de mitos iorubanos tradicionais e das histórias recontadas por Prandi, podemos perceber a infância como “[...] uma experiência que pode, ou não, atravessar os adultos, da mesma forma que pode, ou não, atravessar as crianças” (Abramowicz, Levcovitz, Rodrigues 2009: 180). Nesse sentido, torna-se fundamental o reconhecimento da pluralidade da infância numa perspectiva epistêmica que reconheça a diversidade na unidade. (Alcanforl e Basso 2019: 11)

Conforme apresentado anteriormente, fundamentamos o conceito de *literatura para as infâncias* na compreensão de que a infância é uma vivência de experiência multifacetada e que também se expressa de maneira plural. Essa pluralidade não se restringe apenas às experiências infantis, mas também se estende aos adultos, que, ao se engajarem com a literatura destinada ao público infantil, podem acessar e resgatar vivências significativas de suas próprias infâncias. Assim, a *literatura para as infâncias* não apenas enriquece o universo das crianças, mas também oferece aos adultos a oportunidade de refletir sobre suas memórias e identidades. Essa interação entre diferentes faixas etárias possibilita a construção de experiências coletivas e a promoção de um diálogo intergeracional, reforçando a ideia de que a literatura é um espaço de encontro e redescoberta para todos/as os/as leitores/as, independentemente da idade.

É imprescindível, ao abordarmos a utilização do termo *literatura para as infâncias*, considerar a evolução e o significado do conceito de *literatura infantil*, que está intrinsecamente ligado a contextos históricos e sociais específicos sobre a infância. Recorremos ao autor José Nicolau Gregorin Filho, que afirma:

o que se percebe é a existência de uma literatura que pode ser chamada de infantil apenas no nível de manifestação textual, isto é, no nível do texto em que o leitor entra em contato com as personagens, tempo, espaço, entre outros elementos textuais; percebe-se também que os temas não diferem dos temas presentes em outros tipos de texto que circulam na sociedade, como a literatura para adultos e o texto jornalístico, por exemplo. Isso também parece bastante claro, pois os valores discutidos na literatura para crianças são valores humanos, construídos através da longa caminhada humana pela história, e não valores que circulam apenas no universo infantil das sociedades contemporâneas. (2009: 15)

A denominada *literatura Infantil* abrange preceitos sociais que corroboram com a conexão entre o leitor adulto e as narrativas infantis. Um exemplo disso ocorre quando é realizada a leitura, para um grupo de crianças de um livro destinado ao público infantil, observando um envolvimento significativo com a narrativa. Da mesma for-

ma, ao apresentar o mesmo livro e a mesma história a um grupo de adultos, também se verifica um engajamento com a obra. Essa dinâmica levanta a questão sobre a presença da infância nos adultos que se envolvem com essas histórias. De fato, muitos adultos retornam à literatura infantil como uma forma de lembrar e se reconectar com suas próprias experiências de infância, o que evidencia a continuidade e a relevância dessas narrativas ao longo de diferentes fases da vida. O contato com histórias que leram (ou desejariam ter lido) quando eram jovens pode evocar sentimentos de nostalgia e possibilitar uma conexão profunda com suas próprias experiências infantis (Costa 2024).

As pesquisadoras Ananda da Luz Ferreira e Roberta Bezerra Nascimento (2022) apontam a existência de uma disputa no campo científico que vem se intensificando, acompanhada de um conjunto de debates que se concentram na análise do livro e de suas produções voltadas para as infâncias. Nesse contexto, torna-se pertinente recorrer à Sociologia da Infância em busca de referências que possam enriquecer essa discussão. As pesquisadoras mencionam a contribuição de Anete Abramowicz, que pondera que:

a ideia da infância carrega possibilidades de acontecimento, inusitado, disruptivo, escape que nos interessa para pensar a diferença. O que se quer dizer é que a experiência da infância não está vinculada unicamente à idade, à cronologia, a uma etapa psicológica ou a uma temporalidade linear, cumulativa e gradativa, já que ligada ao acontecimento; vincula-se à arte, à inventividade, ao intempestivo, ao ocasional, vinculando-se, portanto, a uma des-idade. Dessa forma, como experiência, pode também atravessar, ou não, os adultos. (Abramowicz, Levcovitz & Rodrigues 2009: 195)

Com base na conceituação da *experiência da infância*, é possível estabelecer conexões entre as interações que envolvem as narrativas presentes na literatura infantil durante os momentos de leitura, alcançando uma audiência diversificada e abrangendo diferentes faixas etárias. Isso se deve à capacidade intrínseca das narrativas de evocar, de diferentes formas, as experiências associadas à infância, especialmente quando os ouvintes se engajam na escuta das histórias.

Para ilustrar essa dinâmica, podemos considerar uma situação ocorrida em 2018, quando a influenciadora digital conhecida como Jout Jout realizou a leitura do livro *A Parte que Falta*, escrito e ilustrado por Shel Silverstein, classificado na categoria de literatura infantil. A narrativa apresenta como protagonista um ser circular, uma esfera que, de forma evidente, não está completa, pois lhe falta uma parte. O canal do YouTube onde essa leitura foi realizada destina-se predominantemente ao público adulto e, até o dia 18 de julho de 2023, quando acessamos o vídeo, ele contava com mais de 8 milhões de visualizações. Além do considerável número de acessos, os comentários deixados pelos espectadores revelam uma profunda ressonância emocional com a obra; muitos afirmaram que a leitura os fez reviver memórias significativas de suas infâncias. Outros usuários compartilharam relatos sobre situações cotidianas nas quais sentiram a necessidade de ter o livro em suas posses ou expressaram o de-



sejo de apresentá-lo a alguém, evidenciando assim a relevância da literatura infantil não apenas para as crianças, mas também para os adultos que buscam reconectar-se com suas experiências passadas:

à medida que as narrativas abraçam leitores de idades diversas, elas sofisticam, é verdade, enquanto alargam a interpretação, a construção do sentido, em textos curtos ou de narrativas visuais e remetem seus leitores da prefiguração à refiguração de mundo, sem obrigá-los a se deter, a se conter, em representações consagradas pelo estatuto cultural. (Yunes 2022: 27)

Assentimos com a perspectiva de Eliane Yunes, que postula que uma mesma obra literária pode ressoar em leitores de diversas idades. Compreendemos essas considerações como essenciais para fomentar um debate sobre a literatura destinada às infâncias, destacando a capacidade de um texto literário de ser um meio para promover a comunicação e a empatia entre diferentes gerações. A prática da leitura compartilhada de narrativas permite que crianças e adultos formem laços emocionais e abordem questões significativas. Nesse contexto, Yunes aponta que “de acordo com a concepção que temos de ‘infantil’, há uma definição de criança e, por conseguinte, uma abordagem educacional associada a essa definição. É importante ressaltar que se trata de uma arte que envolve seus destinatários preferenciais como receptores ativos” (2022: 13).

Assim, a relação que o leitor estabelece com a narrativa e a forma como essa interação ocorre revela-se mais significativa do que a sua idade cronológica. Historicamente, a literatura infantil emergiu em um momento em que a sociedade ocidental começa a reconhecer a infância como uma fase que se distingue do desenvolvimento humano, e que é marcada por características e necessidades próprias. Este reconhecimento, que se intensificou a partir do século XVIII, refletiu-se na produção literária voltada para o público infantojuvenil, a qual buscava não apenas entreter, mas também educar e moldar comportamentos.

Assim, a percepção de infância, que varia conforme os contextos culturais e temporais, influencia diretamente a forma como a literatura é concebida e utilizada. Portanto, ao refletirmos sobre a *literatura para as infâncias*, torna-se fundamental revisar essa trajetória histórica, compreendendo como as transformações na perspectiva sobre a noção de infância impactaram narrativas e práticas literárias, promovendo uma literatura que dialoga de maneira mais ampla e inclusiva com as diversas realidades infantis contemporâneas.

A situação citada acima ilustra o impacto que a literatura voltada para as infâncias exerce sobre os adultos ao entrarem em contato com suas narrativas. Muitas histórias da literatura infantil, quando lidas em ambientes escolares, bibliotecas ou familiares, têm o potencial de evocar sentimentos relacionados à infância. Nesse sentido, o conceito de *literatura para as infâncias* permite que, ao usufruir da leitura ou da escuta de uma história, a experiência resultante se torne um fator marcante, independentemente da idade do leitor.

Ao refletirmos sobre como os livros são organizados e categorizados para as infâncias, é impossível não considerar a prática de indicar leituras com base na faixa etária, ou seja, a atribuição de livros conforme a idade cronológica do leitor. É fundamental reconhecer que a produção de obras voltadas ao público infantil frequentemente leva em conta a idade como um elemento crucial no contexto mercadológico. Nesse aspecto, citamos as autoras Elaine Aparecida Rodrigues da Silva, Lucinéia Silva de Freitas e Estela Natalina Mantovani Bertoletti, que descrevem que

em 1970, no entanto, é que acontece o chamado “boom” do livro para crianças, compondo de forma mais significativa o gênero com livros de aventuras, ficção científica, humor, valorizando as poesias e com isso ampliando as possibilidades do mercado de literatura infantil, que passou a ser ainda mais promissor, assim aumentando o número de autores que escrevem para criança e de editoras interessadas em publicar livros infantis. (2006: 68)

Em diálogo com a análise das autoras que destacam o *boom* dos livros na década de 1970, a pesquisadora Ione da Silva Jovino (2016) destaca que esse período foi marcado também por inovações temáticas, e que esse movimento pode se manifestar em diferentes contextos históricos.

Na discussão sobre esses movimentos históricos, é fundamental estabelecer uma relação entre a crescente demanda por livros de Literatura Infantil e os critérios etários que regem a categorização dessas obras. Para compreender essa tendência, torna-se pertinente explorar os princípios educacionais que são adotados nas instituições de ensino. As autoras mencionam que a psicologia do desenvolvimento pode ser um dos fatores que influenciam esse processo. Nos estudos realizados por Jean Piaget (1896-1980), observa-se que “a questão da faixa etária continua determinando qual o livro é indicado para a criança de acordo com sua idade e estágio em que se encontra” (2006: 69). Essa perspectiva ressalta a importância de considerar o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças na seleção de obras literárias apropriadas.

Bertoletti (2012: 10) discute como as diferentes concepções de infância e adolescência são “fatos sociais, vivos e dinâmicos; não eternos nem tampouco imutáveis”. Tal constatação reforça a ideia de que as formas de classificar a literatura destinada a esse público também são flexíveis e se alteram em resposta às transformações da sociedade. De tal modo, estas observações realizadas pelas pesquisadoras direcionam nossa compreensão para o fato de que as formas de classificar a literatura voltada para as infâncias são suscetíveis a modificações, especialmente em função das transformações sociais coletivas.

Essas considerações nos levam a reconhecer que as categorias de *literatura infantil* e *literatura juvenil* não apenas refletem, mas também influenciam as percepções culturais sobre a infância e a adolescência. À medida que a sociedade progride, novas narrativas e temáticas emergem, adaptando-se às realidades contemporâneas e às necessidades dos leitores. Portanto, a revisão das classificações existentes se torna

um exercício necessário para garantir que a *literatura para as infâncias* continue a dialogar de maneira relevante com as experiências e os desafios enfrentados pelas novas gerações. Isso implica em um constante processo de atualização e reavaliação das obras literárias, que deve levar em conta não apenas as características etárias, mas também o contexto sociocultural em que as crianças e adolescentes estão inseridos.

Além da organização dos livros em espaços como livrarias e bibliotecas, que, de maneira evidente, reflete a categorização por faixas etárias, é importante ressaltar o papel fundamental das editoras na criação e promoção dessas distinções etárias para as obras literárias. As editoras não apenas selecionam quais títulos são direcionados a determinadas idades, mas também influenciam a forma como os conteúdos são apresentados, as temáticas abordadas e até mesmo as ilustrações utilizadas, moldando assim a experiência de leitura.

Para Carolina Carvalho e Josca Baroukh (2018), as editoras desempenham um papel decisivo na definição dos critérios que orientam a classificação etária dos livros, contribuindo para a formação de expectativas tanto nos leitores quanto nos educadores e familiares. Elas afirmam que essa categorização não se limita a uma simples organização, mas envolve uma série de escolhas editoriais que refletem as percepções sociais sobre o que é apropriado ou desejável para cada faixa etária.

Esse processo de categorização, portanto, não é isento de implicações sociais e educacionais, uma vez que pode perpetuar ou desafiar estereótipos sobre a infância e a adolescência. Assim, a reflexão crítica sobre como os livros são categorizados e promovidos é imprescindível para entender as dinâmicas culturais que influenciam a literatura voltada para as infâncias e, conseqüentemente, a formação da identidade leitora nas novas gerações. Ao considerar os papéis das editoras, é possível também fomentar um debate mais amplo sobre a necessidade de diversificação e inclusão das narrativas disponíveis, garantindo que todas as vozes e experiências sejam representadas na literatura infantil e juvenil. De acordo com Carvalho e Baroukh, “as editoras também organizam seus catálogos de livros infantojuvenis por idade, sugerindo faixas etárias mais adequadas aos seus livros, em geral considerando a maior ou menor autonomia dos leitores, de acordo com a complexidade do texto e a quantidade de ilustrações” (2018: 57).

É fundamental adotar uma postura crítica em relação à influência das editoras na categorização de livros por faixas etárias. Essa classificação rígida pode ser limitante, pois não considera a diversidade de leitores e as suas necessidades individuais, bem como a capacidade das obras de desafiar e enriquecer a experiência de leitura. Além disso, a categorização por idade pode ser subjetiva e variar entre diferentes editoras. De tal modo, considerando o papel crucial que as editoras desempenham na definição dessas faixas etárias, é primordial que essa influência seja exercida com sensibilidade, respeitando e atendendo à diversidade das experiências dos leitores.

No campo da literatura infantil e/ou infantojuvenil, observa-se uma predominância do controle adulto em todas as fases do processo: criação, edição, distribuição



e consumo. Essa assimetria inerente entre o emissor (adulto) e o receptor (criança/adolescente) é um desafio persistente. A busca por uma linguagem que se alinhe com a infância e a adolescência, juntamente com adaptações, ameniza essa disparidade. Contudo, a validação da literatura para crianças e adolescentes depende fundamentalmente da recepção do público leitor e de suas reações à obra.

Partimos do pressuposto de que realmente existe uma literatura voltada para as infâncias, uma vez que o acesso a esse artefato cultural evidencia a transcendência da idade cronológica, desafiando a categorização tradicional que, conforme os catálogos de literatura infantil, orienta o público a obras destinadas a crianças de 0 a 11 anos. Apostamos na hipótese de que a experiência literária permite a leitores de todas as idades buscar emoções e encantamentos nas narrativas apresentadas nos livros. Nesse contexto, Yunes (2022) enfatiza que as narrativas literárias têm a capacidade de ressoar com diferentes faixas etárias, ampliando assim o alcance e a relevância da literatura para além das limitações impostas pelas classificações etárias convencionais.

Para aprofundar a discussão sobre a relação do texto literário com as infâncias, é pertinente considerar a contribuição da pesquisadora Eliane Debus, quando afirma que “o texto literário para infância tem uma especificidade: o leitor (criança). No entanto, esse não é o primeiro leitor do texto. Isto é, na maioria das vezes, antes da criança, um adulto-livreiro, pai, professor, tio, avô faz a seleção, a compra e a leitura do livro” (2017: 27).

A pesquisadora retrata que a ação do adulto ao selecionar um livro literário para uma criança reforça a noção de que o adulto, de certa forma, mobiliza suas próprias experiências de infância para realizar essa escolha. Debus (2017) também destaca que o texto literário voltado para as infâncias possui uma particularidade: o leitor. Contudo, esse leitor não deve ser entendido exclusivamente como uma criança sob a perspectiva cronológica. Ao contrário, a obra literária evoca a infância que o leitor atual vive ou viveu, independentemente de sua idade. Assim, o livro, enquanto artefato cultural de *literatura para as infâncias* (e não apenas literatura infantil), é destinado a leitores de todas as faixas etárias.

Para que a literatura para as infâncias seja apreciada por leitores de todas as idades, ela precisa cumprir sua função estética, requisito essencial para alcançar o estatuto de arte. Esse valor estético nasce da originalidade, da coerência interna da obra e da capacidade de romper com certas regras do discurso. Contudo, essa ruptura precisa ser equilibrada: deve surpreender o leitor sem causar um estranhamento intransponível. É justamente essa qualidade que define os clássicos, obras que atravessam gerações. A cada época, novos clássicos podem surgir com o mesmo potencial de se tornarem referências para o estudo, o questionamento e a inspiração de futuras gerações.

Ao ultrapassar o recorte etário e dialogar com o sentimento de infância, não estamos desconsiderando as definições propostas por Philippe Ariès em sua obra *História Social da Criança e da Família*, de 1960, na qual a infância é compreendida como uma

atitude relacional ao longo da história. Propomos, entretanto, uma aproximação com os saberes iorubás sobre a infância, buscando compreender como essas perspectivas enriquecem e ampliam nossa compreensão sobre a experiência infantil.

Convocamos para esse diálogo o pesquisador Renato Noguera, que por meio de pesquisa sobre a afro-perspectiva da infância, contribui para a compreensão dos saberes africanos na língua iorubá: “em nossa interpretação afro-perspectivista, o que todas possuem em comum é bastante simples: a realização da espiritualidade atinge seu ápice quando somos capazes de reconhecer a Infância como um estado existencial especial que nunca devemos perder” (2019: 135).

Quando a infância é valorizada e reconhecida como um estado existencial a ser preservado ao longo da vida, ela transcende a mera percepção de um período de desenvolvimento físico e psicológico, emergindo como um momento de conexão com a espiritualidade e com a sabedoria ancestral. A cultura iorubá é uma entre as diversas culturas africanas que oferecem uma perspectiva única sobre as etapas do desenvolvimento humano, incluindo a infância, fundamentada em uma relação cósmica e em tradições ancestrais. Alexandre Filordi de Carvalho e Ellen de Lima Souza ressaltam que:

as distintas consistências das infâncias derivadas da lógica de Exu reportam polifonicamente diferentes multiplicidades e singularidades de linhas de devires: gestação, nascimento, infância, adolescência, juventude, adultez, velhice e ancestralização. Essas linhas de devires podem ir e vir, numa perspectiva capaz de sabotar a reconhecimento, a interpretação e a representação simbólica eurocêntrica de percepção espaço-temporal. Destarte o entendimento do que seja “criança”, não se constrói, a partir daí, cognitivamente e por intermédio da relação de oposição binária, mas dança conforme a exuberância, a intensidade e a experimentação sempre passageiras daquelas mesmas linhas de devires: ora simultâneas, ora em progressão, porém, não excludentes e experienciáveis em qualquer fluxo de vida. (2021: 19)

A relação discutida pelos autores evidencia que, na cultura iorubá, a infância é compreendida de maneira atemporal, permitindo que essa experiência seja revisitada ao longo da vida. Nesse contexto, defendemos que pode haver uma distinção entre a literatura voltada para as infâncias e a literatura infantil. Esse contraste se fundamenta no fato de que as memórias afetivas evocadas pelas narrativas literárias mediam conexões profundas com a experiência da infância, independentemente da idade do leitor. Assim, ao optar pelo conceito de *literatura para as infâncias*, buscamos reconhecer a pluralidade de experiências e interpretações que essa literatura pode oferecer, enfatizando que as histórias não apenas refletem, mas também ressoam com as vivências individuais de cada leitor, promovendo um diálogo intergeracional e enriquecedor.

## PERSPECTIVAS FINAIS SOBRE A LITERATURA PARA AS INFÂNCIAS

A escolha pelo conceito de *literatura para as infâncias* não desqualifica o acionamento de outros termos frequentemente utilizados, como *literatura infantil* e *literatura infantojuvenil*, nem ignora a trajetória histórica da literatura voltada para o público infantil. Assim, ao adotarmos a expressão *literatura para as infâncias*, sustentamos a perspectiva de que as obras destinadas às crianças podem ser apreciadas por qualquer indivíduo, independentemente de sua faixa etária.

De forma poética, Mia Couto entrelaça sua visão do conceito de infância e nos convida a refletir sobre a infância não apenas como um período da vida, mas como uma essência que perpassa nossas experiências:

a infância não é um tempo, não é idade, uma coleção de memórias. A infância é quando ainda não é demasiado tarde. É quando estamos disponíveis para nos surpreendermos, para nos deixarmos encantar. Quase tudo se adquire nesse tempo em que prendemos o próprio sentimento do tempo. A verdade é que mantemos uma relação com a criança, como se ela fosse a maioridade, uma falta, um estágio precário. Mas a infância não é apenas um estágio para a maioridade. É uma janela que, fechada ou aberta, permanece viva dentro de nós. (2003: 104)

Conforme inspira Mia Couto, a infância permanece viva em nosso interior, o que torna os livros destinados às infâncias fontes de encantamento tanto para leitores iniciantes quanto para aqueles mais experientes. Desde que a narrativa, acompanhada de ilustrações, tenha o poder de impactar o leitor e guiá-lo para uma experiência que ressoe com a ludicidade e com as emoções da infância, é na literatura que encontramos essa potencialidade. Assim, reconhecemos que o nosso papel como pesquisadoras é o de questionar e oferecer uma perspectiva crítica e inovadora sobre a nomenclatura *literatura para as infâncias*. Essa abordagem visa ampliar o entendimento sobre a literatura destinada a esse público, ressaltando sua importância e relevância na formação de leitores ao longo de todas as etapas da vida.

## OBRAS CITADAS

ABRAMOWICZ, Anete, Diana Levcovitz & Tatiane Cosentino Rodrigues. Infâncias em educação infantil. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, p. 179-197, 2009.

ALCANFOR, Lucilene Rezende & Jorge Garcia Basso. Infância, Identidade Étnica e Conhecimentos de Matriz Africana na Escola. *Educação & Realidade*, v. 44, n. 2, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623688363>.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista brasileira de educação*, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>.

CARVALHO, Alexandre Filordi de & Ellen de Lima Souza. O erê e o devir-criança negro: outros possíveis em tempos necropolíticos. *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 17, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/childhood/article/view/56331>.

CARVALHO, Ana Carolina & Josca Ailine Baroukh. *Ler antes de saber ler: oito mitos escolares sobre a literatura literária*. São Paulo: Panda Educação, 2018.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Trad. Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

COSTA, Samara da Rosa. “Profe, deixa eu falar?”: o que dizem crianças negras e não negras do 1º ano do ensino fundamental sobre histórias, ilustrações e autores(as) de livros de literatura para as infâncias de temática afro- brasileira e africana. Dissertação (PPG em Educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2024.

COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano?* São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DEBUS, Eliane. *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para criança e jovens: lendo Joel Rufino dos Santos, Rogério Andrade Barbosa, Júlio Emílio Brás, Georgina Martins*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017.

FERREIRA, Ananda da Luz & Roberta Bezerro Nascimento. *Por um fazer cotidiano: educação antirracista e os livros para infância*. São Paulo: Casa Tombada, 2022.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura infantil: múltiplas linguagens de leitores*. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

NOGUERA, Renato. O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva. *Momento: Diálogos em Educação*, Rio Grande, v. 28, n. 1, p. 127-142, 2019.

SILVA, Elaine Aparecida Rodrigues da, Lucinéia Silva de Freitas & Estela Natalina Mantovani Bertoletti. A questão da faixa etária na literatura infantil. *Anais do Sciencult*, Paranaíba, v. 1, n. 1, 68-73, 2010. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/sciencult/article/download/3313/3286>.

YUNES, Eliana. De que infância estamos falando? Eliane Yunes, Eliane Galvão & Gilda Carvalho, orgs. *A representação da infância no texto literário*. Campinas: Mercado de Letras, 2022. 13-29.